



NO ANTIGO REINO

João Aveledo transporta-nos para as terras mais setentrionais da Galiza, nomeadamente para a comarca do Ortegal, cujo litoral analisa de umha perspetiva geológica, detendo-se nos solos serpentínicos, cujas qualidades dam pé a umha flora particular. Trata-se de formações bem escassas a nível ibérico, europeu e internacional.

CRIAÇOM

Rita Vilela é umha escritora portuguesa versátil que reparte a sua obra publicada entre livros infantis, juvenis, fantasia/aventura, romance, fábulas e metáforas... Gosta de usar palavras para criar sonhos, para transmitir mensagens, para provocar mudanças. Lançou em 2008 a sua primeira obra e hoje tem no seu curriculum mais de duas dezenas de livros publicados... número que nom para de crescer. Este mês parou no Novas da Galiza para nos deixar um conto.

CINEMA

José Manuel Sande debruça-se sobre o audiovisual galego, que esmorece pola falta de apoio da administração. A eliminação de seis das sete modalidades de ajudas ao setor ou a morte do Consórcio Audiovisual som alguns dos aspetos abordados polo autor.

A GALIZA NATURAL

No Antigo Reino

João Aveledo

“Trileucas, eraõ humas tres Ilhas, ou para melhor dizer, rochedos, situadas junto ao Promontorio Trileuco, no lado Septentrional de Galliza, segundo no las describe Ptolomeo, na segunda Taboa de Europa, no fim do capitulo sexto: Insulæ verà, diz elle, adjacent Tarraconensi in Cantabrico quidem Oceano, quæ nominantur Trileuci scopuli tres”.

Jeronymo Contador de Argote, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas* (1732).

Dizem que as rochas da Capelada emergiram há 200 milhões de anos das profundidades oceánicas, quando, como consequência da tectónica de placas, a Pangeia, o continente único, começou a fragmentar-se. Não longe da Vigia de Erveira, uma das falésias marinhas mais altas da Europa (613 m. s.n.m.), a Serra da Capelada morre no Oceano Atlântico nos três Aguilhões do Cabo Ortegal, aos que o grego Ptolomeu no século II d.C. denominou Trileucas, literalmente os três

brancos, talvez, polo guano das numerosas colónias de aves marinhas que albergavam.

Alguns dos materiais do chamado Complexo Geológico de Ortegal surgiram da colisão entre blocos continentais do Atlântico Norte e o Báltico e nele abundam rochas formadas a grandes profundidades no interior da Terra, algumas magmáticas, como os dunitos, muitas outras metamórficas, como os gnaisses, os eclogitos e os anfibolitos, estas últimas duas autênticas raridades. Os anfibolitos de Ortegal estão entre as rochas mais antigas do planeta (só na Austrália, Terranova, Polónia ou África do Sul existem formações mais primitivas), a sua idade foi estimada mediante datação radiométrica em, aproximadamente, 1.156 milhões de anos.

Devido a ação de águas marinhas a altas pressões, as rochas do Complexo Ortegal sofreram processos de serpentização. As serpentinas, uns substratos geológicos minoritários à escala europeia e internacional, são rochas ultrabásicas ricas em metais pesados (como níquel, crómio, cobre, manganês e cobalto) e com uma elevada relação de



“As rochas do Complexo Ortegal sofreram processos de serpentização. Os solos serpentínicos apresentam uma alta toxicidade e uma baixa disponibilidade de nutrientes para os vegetais, o qual obriga a adaptações evolutivas nas plantas”

magnésio/cálcio, que dão origem a solos particulares. Os mais importantes afloramentos serpentínicos da Península Ibérica achamo-los na Galiza, Trás-os-Montes e Andaluzia. Sendo os

quatro núcleos principais do noroeste: a Serra da Capelada, a Serra do Careão-Ulha e, já em Portugal, os Maciços de Bragança e de Morais. Áreas de menor superfície aparecem em Moeche, Silheda-Merça, Cúrtis-Teixeiro e Porto de Mouros.

Os solos serpentínicos devido à sua composição química apresentam uma alta toxicidade e uma baixa disponibilidade de nutrientes para os vegetais. Condições edáficas tão restritivas obrigam a adaptações evolutivas nas plantas e explicam uma flora caracterizada por endemismos, ecótipos singulares nas espécies generalistas e disjunções biogeográficas (espécies ou subespécies que ocorrem noutros territórios a grande distância, p.ex. *Asplenium adiantum-nigrum*

subsp. corunnense é um feto endémico das serpentinas galegas, transmontanas... e andaluzas!!).

Os vegetais que habitam solos serpentínicos costumam partilhar certas características morfológicas: nanismo, ramificação abundante, folhas pequenas, cor violácea, raízes espessas e tendência a estarem rentes ao chão.

Os afloramentos serpentínicos são considerados *hotspots* de biodiversidade, quer dizer, habitats com um grande número de espécies, um alto grau de ameaça e uma prioridade internacional para a conservação. Na Galiza os seus principais perigos são as repovoações florestais, as infraestruturas viárias, os parques eólicos e os polígonos industriais. Alguns dos endemismos serpentínicos galegos encontram-se em sério perigo de extinção, como *Centaurea borjae* e *Crepis novoa-na* da Serra da Capelada ou *Armeria merinoi*, *Leucanthemum gallaecicum* e *Santolina melidensis* da Serra do Careão.

Último vendaval do inverno no Cabo Ortegal. A vista perde-se hipnotizada no mar embravecido pola tempestade, no mar que em tempos idos foi um, a Pantalassa. Cientes da nossa fragilidade e insignificância, fincamos os pés nas penas e sentimos um arrepiamento quando se nos vem à lembrança o hino velho, o hino imemorial, a Marcha do Antigo Reino.



EM TEMPOS

Yilliqiyya, Galiza através do árabe

Carlos C. Varela

Outora culturas no seu máximo esplendor e em contacto íntimo durante séculos, agora o mundo galego e o árabe mingüárom até ficar confinados nos extremos da metrópole. Na Galiza, a nossa língua apenas é empregada em 6% dos infantários das cidades; em Ceuta, o governo espanhol proíbe o uso nas escolas do dariya, o árabe ceutense. A essa cunha ‘física’ que é o Estado espanhol há que somar a cunha ‘mental’ da sua historiografia: o mito de umha guerra religiosa, umha impermeabilidade total e combates a norte durante séculos, que nos impede ver o que tivo de relação enriquecedora e o que uns e outros fomos.

Galiza e Espanha, ou Yalliqiyya e Al-Ishbám

Entre os séculos VIII e XI, a configuração geopolítica da Península foi bastante estável e continuísta da época anterior: ao Norte, o mundo cristão englobado no nome de Galiza, ‘Yilliqiyya’ em árabe – transcrita também como Jalikiah, Chaliqia, Djaliqyah, etc... –, ao Sul o mundo muçulmano chamado Espanha, ‘Spania’, ou ‘Al-Ishbám’. Com estes nomes aparecem os dous reinos nas crónicas árabes e europeias. Nom se tratava de umha estrita fronteira religiosa – os bispos espanhóis, por exemplo, continuárom a participar nos Concílios – nem tampouco impermeável. Por outro lado, a variação feudal de umha cidade, a um rei galego ou andaluz, tampouco afetava a sua identidade geopolítica (chamemos-lhe assim na falta de melhor expressão). Vejamos agora os territórios da Galiza e Espanha através das crónicas árabes.

Começamos por Ibn Haiám, historiador de começos do s. X e autor da *Crónica do Califa Abderrahman III An-Nasir entre os anos de 912 e 942*. Nela descreve os limites do reino. Polo Sul: “o extremo de Yilliqiyya chega a Coimbra, perto da terra muçulmana”; polo Leste, a primeira população cristã importante era “Clúnia, primeiro confim de Yilliqiyya”. Haiám distingue, aliás, umha Galiza nuclear: “Galisiyya”, e outra ‘extensa’: Yilliqiyya (“no ocidente do país, em Galisiyya, extremo de Yilliqiyya”).

Outra obra importante do s. X é a *Configuração do mundo* do geógrafo Ibn Hawkal. Nela descreve a fronteira de Espanha, que “corre a

partir dos arredores do país da Galiza, através da província de Santarém, Lisboa”. “A fronteira setentrional estende-se desde a região de Sintra, passa por Samora”. No “rio Tejo, ou no seu curso, há mais de umha cidade que forma parte da Galiza; este rio atravessa a Galiza entre Almada e Lisboa, do domínio de Espanha”. Assinala “a região dos bascos, que som cristãos da Galiza”, e recorda que “Leom é a residência do seu soberano”. Por último, “as praças de defesa das marcas galegas som Mérida, Natza, Guadalupe e Toledo, frente às duas cidades galegas de Samora e Leom”.

No s. XI, o geógrafo sevilhano Al-Bakri matiza mais a distinção de Ibn Haiám entre Galisiyya e Yalliqiyya, e assinala que a Galiza ‘extensa’ está formada pela própria Galiza ‘nuclear’, Portugal, Astúrias e Castela. Ainda, a meados do s. XII, Idrisi diz na sua *Geografia* que “som de Galiza: Segóvia, Leom, Sória, Burgos, Nájera, Logronho, Estela, Ponte da Rainha, Pamplona (...) Santilhana (...) e Baiona”.

A equivocação da realidade e a correção do historiador

O interesse ideológico com que a historiografia espanhola olha o passado atinge tal ofuscação que, quando os documentos nom coincidem com os seus desejos, só contemplam a opção de os dados serem incorretos, errados, ou diretamente falsificados. Mais no caso que estamos a analisar: que a sua Espanha cristã se chamasse Galiza, e que o reino “infel” fosse Espanha, simplesmente nom fai parte do seu espaço dos possíveis, é um ‘alien’. O César Caramés explicava mui bem este fenómeno através da cena do filme *O Planeta dos Símiós*, quando a Estátua da Liberdade emergia da praia; ou quando Manuel Fraga diante do seu chalé destruído declarava aquilo de “isto nom pode ser obra de galegos”. Sem nengunha pretensão de exaustividade, apresentamos aqui alguns dos malabarismos da historiografia espanhola para adequar a realidade ao desejo.

Em 1850, na sua *Historia General de España*, M. Lafuente desenha um mapa sobre a distribuição territorial da Península durante o Califado de Córdoba (756-1030). No reino cristão coloca em versaletes – como nos documentos “bilingues”, sempre somos versaletes – o nome de Jalikiah, e em letras maiores

“O interesse ideológico com que a historiografia espanhola olha o passado atinge tal ofuscação que, quando os documentos nom coincidem com os seus desejos, só contemplam a opção de os dados serem incorretos, errados ou falsificados”

tradu-lo por “Reino de Leom” sem maior vergonha.

Em 1865, Murguía denuncia que o historiador espanhol Morayta traduzia a “Djalikyah” (Galiza) do cronista Al-Razi por “Cantábria”. Dous anos depois, F. J. Simonet, na sua *Historia de los mozárabes de España*, traduz “Chaliqia” por “Reino das Astúrias e Galiza”, optando por umha técnica menos brusca que Morayta: a de diluir.

Em 1946, Menéndez Pelayo, ao ler no *Cronicom Arianense* – que nom é árabe – como ao Concílio de Frankfurt de 794 acodem bispos de “Itália, Gótia, Aquitânia e a “Gália”, nom “Galiza”, embora a Gália fosse, precisamente, Gótia e Aquitânia. O mesmo deveu pensar em 1991 Linage Conde quando repassou umhas cartas de 1088 do papa Urbano II, onde diferencia as “Hispaniis et Gallicis regionibus” e se dirige a elas, por separado. Novamente, o equivocado nom é o historiador senon o Papa que nom conhece os seus próprios territórios.

Em 1981, Viguera, Corriente e Lacara, editam umha versão em espanhol da *Crónica* de Ibn Haiám, traduzindo sistematicamente no texto “Galiza” (Yilliqiyya) e “galegos” por “Leom” e “leonês”. Já no apêndice toponímico assinalam, evitando a palavra tabu, que Yilliqiyya é o “território cristão nesse tempo capitalizado em Leom”. Presos dos seus preconceitos, quando a crónica data um acontecimento em 914, eles pensam que tivo que ser antes da coroação de Ordonho II como rei de Leom, porque o árabe lhe chama “rei da Galiza”.

Em 1992, o audaz Carlos Baliñas di preferir nom empregar as fontes árabes, a melhores da época, “polo carácter distorcedor das suas conceções geográficas”. Em 1997, Rodríguez Fernández

insiste na tradução livre: “Yilliqiyya, como os árabes chamavam (...) ao território de Leom”. Já em 2002, P. de Gayagos onde Al-Maccari fala de “Ardhu-l-jalalkah” (“o país dos galegos”), ele entende “Galiza e Astúrias”.

DOUS mitos fundacionais: “Pelayo” e o “Cid Campeador”

Poucos mitos fundacionais espanhóis livram-se de que sobre eles paire a suspeita de umha bastarda origem galega: Cristóvão Colombo, Miguel de Cervantes... e na época que nos ocupa Pelágio e o Cid.

Considera-se que foi Sánchez Albornoz o criador do mito moderno de Pelágio, “fundador de Espanha” e iniciador da heroica Reconquista desde a montanha de Covadonga. O material desde o que se elaborou é pouco fiável e contraditório entre si. As crónicas árabes também som difusas, mas há umha questão sobre o que nom mostram equívocos.

O *Ahkbar Machmua*, elaborado no s. XI e servindo-se em várias ocasiões da tradição oral, situa o episódio na Galiza. O exército muçulmano “fijo-se dono da Galiza (...) se se excetua a serra em que se refugiava (...) um rei chamado Belai (Pelágio) (...) e fôrom assim diminuídos até ficarem reduzidos a 30 homens (...) e deixárom-nos dizendo: ‘trinta homens, que podem importar?’”. O cronista Al-Razi situa a cena “in the land of Galicia”. As crónicas posteriores mantemem a versão. Os Fatho al-Andalusi dim que “um infiel (...) chamado Balaya (Pelágio) sublevou-se em terra de Galiza”. Já no s. XVII, Al-Maccari di, apoiando-se em Ibn Haiám: “the first Christian who (...) collected his countrymen round him and showed symptoms of resistance, was a barbarian named Beláy (Pelágio), from among the people of Ashturish (Astúrias) in Galicia”.

Por sua parte, o Cid Campeador, sublimado como pai de pátria espanhola polo sistema escolar franquista, e assimilado à imagem de Charlton Heston – a ‘superprodução’ cinematográfica do sentimento nacional – é chamado por Bem Bassam no s. XII de “cão galego”, por muito que Menéndez Pidal veja nele um “campeador de la fe y de la independencia nacional” e um “héroe de la nación española”.

A vida comum

Com certeza, as relações entre a Galiza e Espanha nom fôrom só bélicas. O historiador Jacques Le Goff tem recomendado estudar o

mundo árabe medieval mais como umha ponte entre Ocidente e Oriente do que como um muro. No caso que nos ocupa, os olhos modernos unírom um enfrentamento entre dous blocos políticos onde havia umha realidade muito mais complexa, de alianças entre elites para acabar com inimigos internos, exílios, diplomacia, comércio, etc. Por citar alguns exemplos, em 833 Afonso II entrega-lhe a Mahmut, rebelde contra Abderramán II, um território na Galiza – pensou-se que em Samos – para que se refugie, rematando afinal enfrentados entre si: No mesmo século, Afonso III mantém excelentes relações com o senhor de Mérida Ibn Maruám, alcumado al-Yiliqui (“o Galego”); também com a poderosa família saragoçana de Bam Casi, e estabelece alianças com Omar ibn Hafsum. Em Santarém, no ano de 900, pagava-se em ‘sólidos galicanos’ e em 996, após assinar a paz com Vermudo, Almançor casa com umha filha do rei galego. Também nessa época, moravam em Cela Nova pessoas chamadas “Habze” ou “Abdelha”. Como vemos, a impermeabilidade é um mito.

Em Compostela, nom era estranha a presença de muçulmanos. Em 850, Abderramán envia o poeta Algazel a umha instância na cidade galega, onde é colmado de presentes durante dous meses. No s. XII, o emir almorávide Ali ben Iúsif envia embaixadas à Galiza para falar com Urraca. Ao que parece, estas relações diplomáticas eram bastante amigáveis. Também havia, claro, espions, como os que em 972 regressam a Córdoba após “rastejar notícias dos normandos” da Galiza.

Há também testemunhas de um e outro reino criticando os seus compatriotas por adotarem costumes e vestimenta do país vizinho. A esse respeito, paga a pena assinalar as estátuas de reis galegos levadas entre o s. XIII e XV no alcáçar de Segóvia, ataviados com roupas muçulmanas. Por desgraça, um incêndio destruiu-as em 1862, mas conservam-se reproduções em aquarela.

E, para rematar, sublinhamos o apontamento de Anselmo López Carreira, sobre o facto de “a influência lírica andalusi nom estar suficientemente aclarada” na lírica galega. Rodrigues Lope nom descarta umha origem árabe da mesma, e Tavani reconhece certas relações com umha tradição moçárabe anterior.

Cárcere de Topas, 31 de janeiro de 2013.



A FOTO

Borxa Toxa

O Exército espanhol exhibia a sua face mais amável mostrando-nos como é que se arma um hospital de campanha, umha boa opção para dar um passeio por Compostela. Ao mesmo tempo que assassinam no Mali, a guerra invisível para ocidente apesar de vivermos na chamada "sociedade da informação". Batem-se recordes de extração de ouro enquanto Hollande recebe a condecoração de paz da ONU. Hoje e sempre com o povo Tuaregue.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No **NOVAS DA GALIZA** pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Rita Vilela é uma escritora portuguesa versátil que reparte a sua obra publicada entre livros infantis, juvenis, fantasia/aventura, romance, fábulas e metáforas... A ilustração que acompanha a história é de Catarina Vasconcelos.

O chapéu do Fernando

por Rita Vilela

Por cima de um grande homem, há sempre um grande chapéu!, pelo menos era isso que lhe tinham ensinado em pequeno... E agora que crescera, o chapéu queria um grande homem, um homem "com cabeça", para trazer por baixo.

O chapéu estava cansado de cabeças pequenas, ocas, vazias. Ele queria aprender, queria partilhar pensamentos com pensadores de vistas largas... e cabelos macios (se pudesse ser). Ele queria pertencer a alguém inteligente, culto... e que usasse um bom champô (se pudesse ser).

Um dia, certo Fernando reparou

nele e colocou-o sobre o cabelo (que era macio e cheirava a champô).

O chapéu nem queria acreditar, sentiu que uma cabeça como aquela o levaria longe, muito longe.

Trocaram ideias, tantas ideias... chapéu e cabeça, unidos num só. Pensaram, criaram, escreveram juntos.

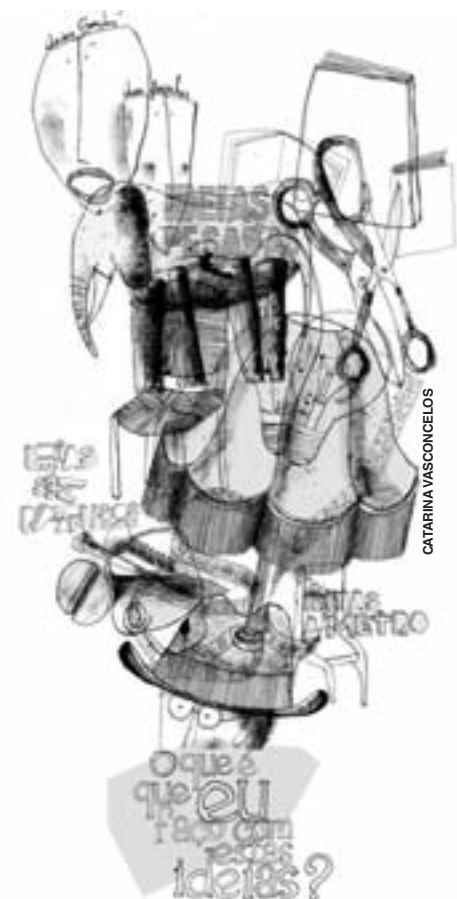
E as ideias de ambos eram tantas que já não cabiam numa só cabeça, já não cabiam num só Fernando.

E porque as ideias já não cabiam num só Fernando, criaram o Alberto, o Álvaro, o Ricardo e tantos, tantos, outros.

Eram tantos, tantos, naquele Fernando, que o nosso chapéu, quando o queria chamar, lhe chamava "Pessoas".

Até que um dia, um professor de português lhe disse que não podia ser, que ele tinha de tirar o "s", que um Fernando não pode ser Pessoas... Se era Fernando, tinha de ser Pessoa!

Nota: Fernando Pessoa é considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa, usava chapéu e criou vários heterónimos, sendo os mais conhecidos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis





LÍNGUA NACIONAL

O dia da marmota

Valentim Fagim

Instruções: Cante estas estrofes com um ritmo rap.

É, não é, é, não é, é não, é, segundo convém
No Brasil falam galego é
Uma nação, uma língua não é
O português nasceu na Galiza é
Agora son dous rollos distintos não é

É, não é, é, não é, é não, é, segundo convém
Para negociar em Angola é
Para negociar na Galiza não é
El gallego hai que mejorarlo é



Temos que aprender chinês não é

É, não é, é, não é, é não, é, segundo convém
O nosso galego nos dicionários tuga é
Fora os lusismos do nosso galego não é
Língua ambiental nas EOI é
Língua estrangeira nas EOI não é

É, não é, é, não é, é não, é, segundo convém
São duas variantes da mesma língua é
São duas línguas irmãs não é
O português nas aulas de galego é
Profes de galego não sabem português não é

CINEMA

Kamikazes, sábios ou deserdados

José Manuel Sande

Desprotegido polo seu amparo mais firme e tradicional, a administração pública, o audiovisual galego, com boas doses de talento e as melhores prestações da sua história, elanguesce com umha escassa ou mínima atividade. Examinar a legislatura encerrada em outubro de 2012 é abraçadabrante ou mesmo digno de suspiros e/ou saídas de tom. Expirou umha etapa fantasmal em que, sem qualquer justificação ou explicação – mais além da batida crise –, se manteve umha situação insólita herdada, a divisom de competências, marcada em termos gerais pola indecisom ou a parálise, frente à prometida aposta num órgão único. O depositário de tal honra, o Consórcio Audiovisual, passou a melhor vida meses antes da convocação de eleições.

O repertório de desapareçoms neste período ajusta-se a um manual de necrologias: morrem seis das sete modalidades de ajudas, de modo que na última convocação permaneceria estritamente produçom, perdendo-se talento, guiom, desenvolvimento, interativos, curtas-metragens e amortizaçom; bolsas de formaçom; catálogo profissional da Agência Galega do Audiovisual; os programas de difusom e internacionalizaçom Docs e Curtas; o abandono da formaçom proporcionada polo programa – prêmio



estatal – Audiovisual nas Aulas; as ajudas a festivais num momento em que vários deles apareciam como referenciais ou cresciam; a revista AG (Audiovisual Galego); o portal de visualizaçom gratuita Flocos ou a eliminaçom de vários dos planos de Apoio da TVG. Tam contundente (ou eloquente) lista de baixas une-se a toda umha série de necessidades nom resolvidas, em muitos casos velhas deman-

das: a criação de ajudas a salas, a matéria pendente da internacionalizaçom, a interaçom entre os diversos setores e/ou instituiçoms com políticas ou estratégias comuns e o equilíbrio entre ajudas e investimentos tratando de dobrar incómodas estruturas de dependência.

Todo este mal-estar, parece, deveria incitar, como em parte vem ocorrendo, a umha considerável criação de guerrilha, a

umha procura da máxima independência capaz de transitar por um caminho em que muitos chegam a falar já dumha negaçom, a do público como depositário do legado cultural, a do público como património exclusivo da casta que hipoteticamente denega todo auxílio ao tempo que reparte (limitadas) prebendas. Mais além da obviedade de que podemos argalhar umha inteligente demanda de responsabili-

dades sem cair na demagogia e de que os quartos públicos som de todos e nom dumha hipotética casta ufana, à que podemos considerar, dadas certas e atuais condutas irregulares, mesmo ilegítima, fraudulenta e golpista, a precariedade do setor surge na travessia. Os métodos de financiamento, do mecenato ao subsídio público, do patrocínio à busca de financiamento coletivo geram prós e contras, avultados interrogantes. Lançar-se à abordagem dum navio quem sabe se deserto ou cheio de percevelhos e alimárias surge como necessidade no horizonte.

E de golpe entram muitas das ideias e reflexoms sobre radicalidade estabelecidas historicamente. A tantas vezes fraca relação do cinema com o compromisso político – com exceçoms, de *Muxía*, *política na Costa da Morte* a *VidaExtra* – determina alcançar um lugar delicado. Porque, depois de tudo, talvez, dentro dos muitíssimos matizes que estas questoms requerem, chegou o momento de se decidir. Há alguma cousa a perder quando todo o chamado público está a ser aniquilado? Alguém tem esperanças na *economia de mercado*? Cremos que vamos voltar à situação aparentemente mais próspera de há uns poucos anos? Queremos acabar nas cloacas da história e assistir à santificação dos cobiçosos e mediócras ou unirmo-nos a prol doutras e mais estimulantes histórias?